

APRESENTAÇÃO

“São apenas palavras”. Ao contrário do que muitos acreditam, a escolha das palavras exerce papel fundamental no processo comunicacional. No nível pragmático, as palavras geram impressões, reações psicológicas e atitudinais; no nível cognitivo, organizam nosso conhecimento segundo categorias que nos permitem acessá-las e usá-las com um custo de processamento mínimo; no nível morfossemântico, a estrutura de cada palavra é uma rede de relações de sentido na qual cada link representa uma nuance específica e cada nóculo é um lexema diferente. Há, portanto, uma relação intrínseca entre as palavras e os resultados de nossas ações em contextos comunicativos. Para explorar esse universo, o presente volume da MATRAGA debruça-se sobre as construções lexicais em vários contextos, tratando não apenas dos usos diversos à disposição do falante, mas também de especificidades de sentido comparadas aos usos mais gerais. Metodologicamente, os artigos apresentados neste volume vão além da mera descrição, avançando análises que abarcam a multidimensionalidade exigida para dar conta da riqueza dos fenômenos lexicais no discurso. À luz de perspectivas sincrônicas e diacrônicas, há, além de análises do léxico, análises da morfosintaxe, dos padrões lexicais típicos de certos gêneros textuais, da produtividade e criatividade lexicais, dos aspectos pragmáticos, semânticos e cognitivos nos discursos jornalístico, político e literário, na música popular brasileira, no ramo cervejeiro e na internet. Algumas das questões que os estudos aqui apresentados pretendem responder incluem “Que tendências, ideologias, crenças permeiam a escolha das palavras?” “Como as palavras representam a sociedade e a nós mesmos como sujeitos do discurso?” “Como fazer uso desse conhecimento para melhor assistir o desenvolvimento de múltiplos letramentos por nossos alunos?”

No âmbito da **Linguística de Corpus**, três dos artigos selecionados usam ferramentas computacionais com potencial de abrir novas soluções tanto na análise de discurso como no âmbito da tradução. Antoinette Renouf, no texto que abre a revista, examina diacronicamente a produtividade e a criatividade lexicais na mídia britânica usando a

ferramenta “*WebCorp*”. Analisa alguns neologismos selecionados (como *chav*, *nimby* e outros) em mais de 700 milhões de entradas ao longo de 16 anos, traçando um paralelo entre usos, cultura e eventos do mundo contemporâneo. Dentre outras coisas, Renouf demonstra empiricamente que palavras que promovem a causa da mídia são as que maiores chances têm de garantir um lugar no léxico da imprensa.

Seguindo metodologia semelhante, Flávio Barbosa investiga as unidades lexicais complexas e o vocabulário específico nos sambas de Ismael Silva, Cartola e Paulo da Portela, destacando uma série de palavras que foram incorporadas a esse discurso e que se relacionam com um modo de vida construído no cotidiano das escolas de samba e no fazer dos desfiles de carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Verbetes dedicados a instrumentos musicais, modos de dançar, tocar e cantar, dentre outros, são catalogados e seus sentidos explorados discursivamente pelo autor.

Já Louise Ravelli lança mão da **Gramática Sistêmico-Funcional** para demonstrar como os hipertemas se relacionam com a estrutura argumentativa de ensaios produzidos por calouros matriculados nos cursos de História e Administração de Empresas, em *corpora* de 20 ensaios em cada uma das condições de pesquisa. Ao fazê-lo, desvela as especificidades léxico-gramaticais e coligacionais dessas disciplinas. Cada uma delas tem seu próprio modo de reconstruir, argumentar e participar semioticamente no mundo usando os mesmos recursos linguísticos.

Buscando integrar **Linguística e Literatura**, Isabel Margarida Duarte aborda o uso adequado das formas de tratamento no Português por parte de nativos e estrangeiros. Para tanto, analisa a tradução francesa de *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. Ressalta a complexidade do uso das formas de tratamento e observa que as dificuldades de seu emprego decorrem de aspectos pragmáticos. Destaca, ainda, que a tradução francesa não consegue dar conta da complexidade inerente ao uso de tais formas na Língua Portuguesa.

Sob a ótica da **Linguística Cognitiva**, José Teixeira investiga a estrutura semântica do verbo “levantar” e compara-o com o verbo “erguer” no que respeita às diferenças de estruturas prototípicas ou nucleares. Enfatiza as vantagens da abordagem cognitiva no estudo dos verbos de movimento vertical, com ênfase nas correlações experienciais e no encadeamento metafórico. Analisa entradas lexicais em dicionários

de referência – Aurélio, Houaiss e o da Academia das Ciências de Lisboa – e propõe tratamento lexicográfico de tais verbos em novas perspectivas.

O emprego literário do léxico é a preocupação do artigo de Neuza Barbosa Bastos e Regina Helena P. de Brito, que analisam duas obras do escritor moçambicano Mia Couto, no que respeita à produtividade lexical em língua portuguesa, em especial na sua variante moçambicana. Abordam o tão discutido conceito de “lusofonia” como espaço linguístico simbólico e, por meio dos cruzamentos lexicais e outras formas neológicas encontradas nos contos de Mia Couto, buscam demonstrar uma representação linguística da identidade do povo daquele país.

Ieda Maria Alves analisa neologismos prefixados com *hiper-* em *corpus* midiático, apontando-lhes aspectos textuais e morfossemânticos. Revê o percurso histórico desse elemento mórfico/formante e toma como *corpora* de exclusão os principais dicionários da língua geral mais contemporânea. Investiga o emprego do prefixo *hiper-* em línguas de especialidade, como as áreas da Economia, da Medicina e da Informática. Acrescenta que tal uso já se estendeu a contextos não especializados.

Sob a ótica da **AD francesa** e no domínio do discurso midiático na modalidade escrita, o artigo de Márcia Seide mostra como o uso de termos especializados em textos de divulgação científica promove sua migração para usos mais gerais na mídia escrita, à luz de uma abordagem sociointeracional e enunciativa, de base bakhtiniana. Ao examinar as designações de *cerveja* em dois gêneros na modalidade escrita, em português e inglês, aproxima tais usos de movimentos sociais de divulgação e marketing dos produtos cervejeiros.

Finalmente, os artigos que fecham a primeira seção da Matraga 28 elegem a *literatura* como *locus* de investigação discursiva e examinam as relações entre signo, símbolo e léxico. Denise Salim Santos se utiliza do romance *O feitiço da ilha do Pavão*, de João Ubaldo Ribeiro, para demonstrar o emprego do vocabulário culto como recurso estilístico, dando destaque à seleção lexical, denunciadora da natureza polifônica da obra do escritor baiano. Revela que, na organização textual, as escolhas lexicais – principalmente de substantivos, adjetivos e verbos – indicam traços das personagens do romance. Estabelece vínculos entre o emprego da língua culta e as relações de poder. Mostra que a identidade das personagens também se expressa por meio do uso da língua na realidade brasileira.

Marcus Alexandre Motta convida-nos a uma reflexão sobre a circunstância lexical da mão do poeta em textos pessoais. Explora a relação entre símbolo e signo absoluto ao investigar o universo lexical de dois poemas de Fernando Pessoa. Machadianamente, faz do leitor seu interlocutor na busca do entendimento das criações lexicais da mão do poeta, caracterizadas pelo nada saber do poema e da poesia.

Olga Kempinska examina os nomes próprios na obra de Paulo Leminski, com destaque para a enumeração, um dos procedimentos prediletos do autor, e para o tratamento poético. Aborda a relação entre o nome próprio e sua classificação, ressaltando que o poeta curitibano não se submete a esquemas ou rótulos. Mostra-nos que, inseridos na trama sonora da nossa língua, os nomes próprios adquirem, no universo leminskiano, nova leitura por estarem “desapropriados”.

Além de artigos, a Matraga 28 traz quatro resenhas de lançamentos recentes na área da lexicografia, dentre eles o livro de Beth Brait *Literatura e outras linguagens* resenhado por José Carlos de Azeredo; o de Ieda Maria Alves, *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, resenhado por Claudio Cezar Henriques; o livro de Vander Viana e Stella Tagnin, *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*, por Letícia Couto; e a obra *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*, de Claudio Cezar Henriques, por Paulo Rosa.

Todos os artigos e resenhas aqui apresentados disponibilizam uma gama de informações sobre o léxico, a lexicalização de conceitos, as mudanças que ocorrem como decorrência de procedimentos atitudinais no nível sociocultural, o uso do léxico e suas relações com a ideologia e processos subjetivos e intersubjetivos. Todos entendem a palavra como um organismo vivo, capaz de crescer, mudar, espalhar-se, influenciar e ser influenciada pelo mundo no qual se inserem direta e indiretamente. Trata-se, portanto, de uma seleção de artigos e resenhas que se destaca não apenas pelas temáticas, domínios discursivos e metodologias variadas, mas também pelo potencial de demonstrar o poder do léxico nos processos de comunicação. Esperamos que os trabalhos aqui apresentados possam estimular a pesquisa na área.

André Crim Valente e Tânia Gastão Saliés